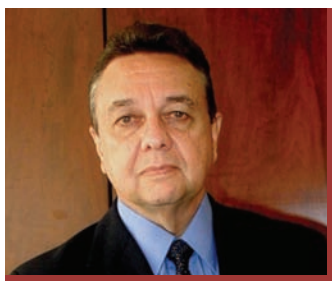


## Diário de bordo

## Economia verde



Roberto Rodrigues\*

EM SEU discurso no Congresso norte-americano, o primeiro-ministro britânico Gordon Brown deu contornos mais nítidos à tese de o mundo aproveitar a crise financeira atual para mergulhar em um vigoroso projeto de economia verde. A idéia não é nova, e vem crescendo no tema da sustentabilidade (nas suas três vertentes, econômica, social e ambiental) e sob a recorrente perspectiva do aquecimento global.

O presidente Barack Obama, afinado com a tese, vem colocando como condição aos financiamentos de projetos na área de energia que a renovável seja ampliada na matriz energética. É o mesmo conceito de desenvolvimento verde, com energia limpa.

O tema é do maior interesse para o agronegócio brasileiro.

Abre uma oportunidade imensa para a agroenergia e para os biocombustíveis. O etanol, cujos produtores estão envolvidos em uma crise profunda – que o governo finalmente compreendeu e começa a ajudar a resolver com “warrantagem” e capital de giro – pode ganhar no projeto de economia verde um espaço muito maior que o imaginado, particularmente na Europa de Brown.

A bioeletricidade também cresce de importância no sistema, de modo que os horizontes para a agroenergia

se ampliam, incluído o conceito que vimos difundido na mudança da geopolítica global, definido pela produção de agroenergia pelos países pobres nos trópicos.

De outro lado, a idéia da economia verde tromba, em boa parte, com as tecnologias convencionais para a produção agrícola em geral. O uso de adubos químicos, de defensivos, de transgênicos, entre outros insumos, será mais questionado no modelo proposto. E, sem dúvida nenhuma, crescerá a demanda por produtos rastreados e certificados pelo novo padrão.

É preciso olhar tudo isso com bom senso. A busca de novas tecnologias, mais sustentáveis, será uma necessidade, e precisamos investir recursos vultosos nessa direção. O Brasil tem competência para surfar esta onda contemporânea, criando mais riquezas para seus cidadãos e dando exemplo ao mundo.

Vivem nos imputando lá fora a destruição da Floresta Amazônica.

Vamos revidar, comandando, com agroenergia e tecnologias sustentáveis na produção rural, a nova economia verde. ■

\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

## Produzir

## Agrishow é tecnologia



Cesário Ramalho da Silva\*

FUI CONVIDADO para assumir a presidência da Agrishow pelas entidades realizadoras da feira - Abag (Associação Brasileira de Agribusiness), Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos), Anda (Associação Nacional para Difusão de Adubos) e a própria Sociedade Rural Brasileira (SRB). Senti-me honrado pela oportunidade, principalmente, porque presenciei o nascimento da feira na sede da SRB, quinze anos atrás. Assumo com o intuito de fortalecer a cooperação e a confiança entre os atuais sócios realizadores da feira.

O Brasil precisa de um evento como a Agrishow, que tenha a capacidade de mostrar a grandeza e a força do País no agro. A feira é um *show* de tecnologia. Uma vitrine para fabricantes de máquinas, equipamentos para irrigação, implementos agrícolas e rodoviários, fertilizantes, sementes, defensivos e de outros insumos exporem suas evoluções tecnológicas. Um dos meus objetivos à frente do conselho consultivo da Agrishow é trazer novos setores ligados ao agronegócio que ainda não participam do evento.

É neste momento de crise que o produtor tem mais necessidade de compair à feira, para tomar conhecimento das novidades tecnológicas, que podem fazer a diferença na sua atividade. A terra é apenas um dos insumos da produção. Sem tecnologia, a terra não basta para a